



SAMOYAUULT, Tiphaine. *Roland Barthes*. Paris: Seuil, 2015.

Atravessando a rua com Samoyault (mais) uma biografia intelectual sobre Roland Barthes

Adriano Messias de Oliveira¹

1 Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisador convidado pela Universidade Paris 8. Autor de mais de 50 obras de ficção. Contato: adrianoescritor@yahoo.com.br

Tiphaine Samoyault, em seu *Roland Barthes*, inicia aquela que pareceu desejar ser uma conclusiva obra biográfica por meio de um estratégico movimento e recurso estilístico *en arrière*: trata-se do relato da morte do autor de *Óbvio* e *obtusos* em 1980, aos 64 anos, em evidente tentativa de torná-la, de menos patética – uma falta de atenção para com uma simples caminhonete –, a mais dramática – devido aos agravamentos oriundos de uma infecção hospitalar pós-acidente. Isso fez com que seu texto de abertura ganhasse, em fôlego capítular, um corpo de escrita com minúcias próximas a um *fait divers* criminal, além de um verniz imbuído de uma vontade de interpretação psicanalítica: teria sido a tão sentida ausência da mãe – grande amor de Barthes –, falecida dois anos antes, o que talvez o fizera não se perceber refém de uma iminente fatalidade nas proximidades do prestigiado Collège de France, um pouco acima da boa, porém nada espetacular, loja *Vieux Campeur*?

Foi esmiuçando detalhes sobre os instantes finais de R. B. que a autora – ainda que tenha dito querer evitar zelosamente o excesso de psicologismos – acabou por se apoiar em outras opiniões interpretativas, como a de Julia Kristeva, para quem Barthes, com o acidente, deixou-se ir em franca recusa – não filosófica, mas praticamente animal – da própria existência, sem que isso deflagrasse, no entendimento da psicanalista, qualquer encenação histérica em fundo de cena. Ver Barthes algum dia como um sorridente e lúcido centenário teria sido um desejo que não só Samoyault, mas igualmente os ilustres amigos do filósofo, nutriram – cada qual a seu tempo – após sua inesperada morte. A partir desse preâmbulo, quase ao sabor de uma crônica, a escritora fisga o leitor, em um primeiro momento. Esse, entretanto, verá a obra caminhar para um percurso demarcado por ausências, vacuidades e naufrágios, como costuma acontecer com muitas biografias. Depara-se, mais adiante, com uma extensa tessitura, ainda que heroica, de parágrafos analíticos: não apenas uma rua, mas uma muralha textual a ser corajosamente atravessada.

Porém, é inquestionável reconhecer que nas mais de setecentas páginas da publicação original francesa estão informações valiosas: além do prólogo, há uma introdução, dezoito capítulos e as referências bibliográficas. O livro também se enriquece por meio de uma bem-vinda iconografia de fotos e manuscritos que fazem com que o leitor ganhe conhecimento sobre períodos bem delineados da vida do biografado. E, se fica evidente que Samoyault apresenta um recorte mais racionalizado, seriado até, pode-se dizer que isso insere seu texto no rol das preferências contemporâneas por narrativas de “vidas reais” enquadradas em episódios isolados e bem

definidos. A essa percepção, acrescentamos outra: esta biografia de Barthes abrange e comunica – por que não? – o desejo escópico da autora de fazer com que o leitor também “veja”, ao avançar no livro, as etapas de vida de um homem tornado personagem; mas tal visão se borra pelo excessivo peso discursivo daquilo que muito teoriza. Nesse âmbito, a título de exemplo, a pesquisadora escolheu deixar-se enveredar pelas famosas parcerias barthesianas. Para tanto, há capítulos dedicados aos pares intelectuais: desde o mais antigo, André Gide, considerado pela autora o *révélateur capital* da homossexualidade de Barthes (p. 135), passando por Jean-Paul Sartre, Philippe Sollers e Michel Foucault. Samoyault defende, quando do internamento do debilitado e magérrimo Barthes no bucólico sanatório de Saint-Hilaire-du-Touvet, que a leitura de Gide veio a coincidir com as primeiras experiências sexuais e amorosas do semiólogo, ainda que esse tema, na obra barthesiana, tenha sido relegado a um nível subterrâneo.

A primeira metade do tomo se fixa basicamente nos anos da juventude do filósofo, anos esses atravessados por rupturas e perdas vinculadas à sua doença e a seu conseqüente isolamento, o que lhe impossibilitou fazer estudos formais na época. Nesse período, a autora escolheu, igualmente, confrontar a construção paterna em Barthes, tratando das relações do órfão com a mãe e com a questão da homossexualidade, porém, de maneira sempre discreta. Samoyault ressalta, ainda, o grande momento de formação: os **quase seis anos no sanatório, quando Barthes lia e escrevia incessantemente, organizando fichas de suas leituras. Para ele, não haveria diferenciação entre os clássicos e os modernos; antes, R. B. logo entendeu que à literatura cabia, em vez de sediar um lugar ideológico, provocar uma ação no próprio mundo, e essa é uma das maiores marcas intelectuais desse pensador.** Nota-se, entretanto, no amplo fôlego textual da biografia, que aspectos da vida privada de R. B. poderiam ter sido mais bem ressaltados, em vez de reservados a meros parágrafos. Afinal, como não comentar com fulgurância a figura central de sua mãe Henriette – ainda que sem as lentes psicanalíticas –, ao lado de quem o autor de *Mitologias* viveu praticamente toda a vida, dividindo inclusive o mesmo apartamento (provido de um alçapão no teto, pelo qual ele tinha acesso a seu gabinete de trabalho), próximo à igreja de Saint-Sulpice?

Meus comentários até aqui se somam à síntese que busco fazer ao percorrer os capítulos de Tiphaine Samoyault, também professora universitária e crítica literária: em sua obra, francamente associada ao prestigioso centenário do nascimento do filósofo², tem-se, pois, a noção de uma arquitetura biográfica muito mais intelectual do que informativa. Nesse afã, Samoyault, que obteve acesso a muitos arquivos sobre R. B., investiga os entremeios tanto de questões filosóficas quanto políticas e literárias, passeando por várias décadas, até chegar aos derradeiros instantes do biografado. Em sua pesquisa, ela compreende o período da guerra, a experiência da tuberculose, a Liberação, alguns momentos de vivência no exterior, a ascensão do *Nouveau Roman*, a vanguarda literária de *Tel Quel*, a polêmica em torno de Racine, a

aventura semiológica estruturalista, os mecanismos íntimos da leitura, os *Fragmentos de um discurso amoroso* e, finalmente, após o falecimento de Henriette Barthes, *A câmara clara*. Entretanto, todo esse percurso fica marcado por um excessivo prolongamento de comentários em torno da obra barthesiana, a despeito do início um tanto folhetinesco, que, como disse, pareceu querer cativar e, conjuntamente, encorajar o leitor. Considerando que houve uma visita de bom espectro a documentos inéditos, incluindo agendas e manuscritos, Samoyault poderia ter empreendido movimentos que permitissem um melhor conhecimento do público sobre a figura humana de R. B., a qual ficou diluída nas tantas interpretações revestidas por um estilo às vezes propositalmente hermético, em simulacro da estilística do autor. Nota-se que, ao abandonar a narração da vida do biografado em proveito da explicação da obra, as interpretações críticas da escritora deixaram lacunas em um terreno, por um lado, e não fertilizaram o outro, uma vez que não deram conta de enfrentar a contento o estado atual da exegese barthesiana.

Ao interessado sobre a vida de Roland Barthes, homem que amou *les petites histoires* muito mais do que a História positiva ou positivista, existem várias obras que merecem ser valorizadas, como uma mais antiga, de Louis-Jean Calvet (*Roland Barthes, uma biografia*), a de Marie Gil (*Roland Barthes. Au lieu de la vie*) – essa, uma outra biografia crítica de cunho mais intelectual –, a de Hervé Algalarrondo, que discorre sobre a intimidade dos últimos dias de Barthes – com ênfase no homem, não na obra –, e a de Leda Tenório da Motta, *Roland Barthes, uma biografia intelectual*, que explora a figura universal do filósofo. E, malgrado o sucesso de crítica que a obra de Samoyault ganhou no convidativo ano de 2015, em parte também devido à monumentalidade, à erudição e às minúcias de seu trabalho, o brilho de seu calhamaço poderia ter ido além se a vida de R. B. não permanecesse, como de outras feitas, obnubilada pelo véu da pudicícia, que muitas vezes ainda percorre o pensamento francófilo.

Referências bibliográficas

- ALGALARRONDO, Hervé. *Les derniers jours de Roland Barthes*. Paris: Stock, 2006.
- CALVET, Louis-Jean. *Roland Barthes*. Paris: Flammarion, 1990.
- _____. *Roland Barthes, uma biografia*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- GIL, Marie. *Roland Barthes. Au lieu de la vie*. Paris: Flammarion, 2012.
- MOTTA, Leda Tenório da. *Roland Barthes: uma biografia intelectual*. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- SAMOYAULT, Tiphaine. *Roland Barthes*. Paris: Seuil, 2015.

Recebido em: 28/02/2015 **Aceito em:** 30/04/2015

Referência eletrônica: OLIVEIRA, Adriano Messias de. Atravessando a rua com Samoyault: (mais) uma biografia intelectual sobre Roland Barthes. *Revista Criação & Crítica*, n. 14, p. 115-117, junho 2015. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mm aaaa.